

Mercado espera mais definição sobre ajuda

Getulio Bittencourt
de Nova York

O ceticismo marcou a reação do mercado ao acordo do Brasil com o Fundo Monetário Nacional (FMI) sobre o superávit primário do orçamento nos próximos três anos, prevendo 2.6% em 1999, 2.8% em 2000 e 3% em 2001. Um economista de um dos maiores bancos dos EUA disse ontem que os números estão dentro do esperado, e que os investidores querem saber detalhes para definir uma opinião: como isso se fará, e com que tipo de apoio do FMI.

O anúncio do acordo de metas com o FMI não produziu qualquer impacto sobre os preços dos bônus Brady do Brasil. O mercado já estava um pouco melhor desde cedo, acompanhando a alta no índice industrial Dow Jones, que subiu até 150 pontos pela manhã e fechou com alta de 39.4 pontos. Com isso, o Bônus C do Brasil, que havia fechado no dia anterior a 64.813%, subiu ontem para 65.25% na compra e 65.625% na venda, com pouquíssimo volume.

A explicação de Marcelo Fleury, diretor da corretora Garbam Limited, é semelhante à do economista do banco credor do Brasil. "O mercado quer ver medidas concretas, saber como o Brasil se propõe a sair do déficit para o superávit, e avaliar a credibilidade do programa. E também como se dará o apoio do FMI, qual será o cronograma dos desembolsos e suas condicionalidades", afirma.

Imagen do Brasil

A segunda pesquisa trimestral da Bursten Marsteller com 50 administradores de fundos globais dá indícios importantes sobre a visão que eles têm do Brasil contagiado pela crise. As opiniões estão divididas. Mas os administradores de fundos que visitaram recentemente o país se impressionaram com o otimismo da comunidade de negócios brasileira.

"A crise que espalhou-se a partir de Hong Kong no ano passado impulsionou o governo a adotar novas medidas para controlar o déficit do orçamento", disse um deles. "A macroeconomia é fundamentalmente saudável, e quando o capital externo retornar à América Latina, virá primeiro para o Brasil".

Outro entrevistado da Bursten Marsteller disse que "os fundamentos econômicos do Brasil são positivos, embora haja mais riscos associados com a economia devido ao

progresso lento das reformas. As crises recentes, contudo, providenciaram um catalisador para mudanças no país, e esperamos que essa tendência continue".

Os administrados de fundos ouvidos administram 75% do valor dos fundos financeiros que atuam nos mercados emergentes, e 75% da carteira de investimentos dos países desenvolvidos nos mercados emergentes. O mercado favorito deles na América Latina agora é o México, com a Argentina em boa situação, e o Chile provocando tanta divisão quanto o Brasil.